DVD e Material Educativo para Professor Propositor

ARAQUÉM ALCÂNTARA
E A NATUREZA

arte na escola

DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Araquém Alcântara e a natureza / Instituto Arte na Escola ; autoria de Eliane de Fátima Vieira Tinoco ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.
(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 39)

Foco: CT-3/2006 Conexões Transdisciplinares
Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia
ISBN 85-98009-48-2

1. Artes - Estudo e ensino 2. Fotografia 3. Meio Ambiente 4. Alcântara, Araquém I. Tinoco, Eliane de Fátima Vieira II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

Créditos

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

ARAQUÉM ALCÂNTARA E A NATUREZA

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Eliane de Fátima Vieira Tinoco

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

ARAQUÉM ALCÂNTARA E A NATUREZA

Ficha técnica

Gênero: Documentário com depoimentos e obras do artista.

Palavras-chave: Ecologia; meio ambiente; artista e sociedade; educação do olhar; luz; fotografia de natureza; poética pessoal.

Foco: **Conexões Transdisciplinares.**

Tema: A fotografia de natureza.

Artistas abordados: Araquém Alcântara, José Caldas, Bruno Alves.

Indicação: A partir da 5ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Direção: Mariana Cronenberger.

Realização/Produção: Rede SescSenac de Televisão, São Paulo.

Ano de produção: 2001.

Duração: 23'.

Coleção/Série: *O mundo da fotografia.*

Sinopse

O documentário fala sobre a fotografia de Araquém Alcântara, um dos mais premiados fotógrafos brasileiros, reconhecido por sua dedicação irrestrita à natureza. Em três blocos distintos, acompanhamos uma aula de Araquém durante uma caminhada para que os alunos descubram os segredos da fotografia de natureza. Os equipamentos específicos para fotos ao ar livre são mostrados em detalhes, com explicações técnicas do manuseio. Depoimentos do artista em seu estúdio e imagens de suas fotografias permeiam o documentário. A preocupação em eternizar a beleza e a riqueza da fauna e da flora brasileiras é uma das tônicas do trabalho de Araquém Alcântara.

Trama inventiva

Ponto de contato: conexão. Abertura para atravessar e ultrapassar saberes: olhar transdisciplinar. A arte se põe a dialogar, fazer contato, contaminar temáticas, fatos e conteúdos. Nessa interseção, arte e outros saberes se alimentam mutuamente, ora se complementando, ora se tensionando; ora acrescentando um ao outro novas significações. A arte, ao abordar e abraçar, com imagens visionárias, questões tão diversas como a ecologia, a política, a ciência, a tecnologia, a geometria, a mídia, o inconsciente coletivo, a sexualidade, as relações sociais, a ética, entre tantas outras, permite que na cartografia se desloque o documentário para o território das **Conexões Transdisciplinares**. Que sejam estas então: livres, inúmeras e arriscadas.

O passeio da câmera

A natureza, em imagens captadas com sensibilidade por Araquém Alcântara, é o convite deste documentário. Uma voz em off, sempre acompanhada de um conjunto de imagens de rara beleza do fotógrafo, nos fala sobre Alcântara, sua poética e preocupação com o meio-ambiente.

O documentário nos permite ver e ouvir duas facetas de Araquém Alcântara. Uma, a do fotógrafo que escolhe com o coração o caminho da fotografia de natureza. Em depoimento gravado em seu estúdio, Alcântara nos dá lições de amorosidade para com a natureza. Fala sobre o exercício da solidão criativa, da paciência e da contemplação necessárias para fotografar, principalmente porque, na maioria das vezes, a espera ou a caça a uma imagem é feita em condições desfavoráveis. É nesse exercício que o fotógrafo de natureza aprende que sua tarefa é celebrar a vida.

A outra faceta é a de Araquém Alcântara, o professor, num workshop que acontece durante uma caminhada pela Serra do Mar. Acompanhamos o fotógrafo-educador que oferece generosamente aos alunos informações sobre seus procedimentos

técnicos no ato de fotografar, sobre o equipamento necessário, e dá "dicas" de como deve ser a preparação para uma aventura mata adentro. Como fotógrafo que entende a fotografia como expressão artística, o Alcântara professor dá lições sobre composição, mas incentiva os alunos a encontrarem o seu próprio enquadramento, seu próprio olhar estético das sutilezas tonais da flora.

O documentário oferece oportunidades de conexões com os seguintes territórios: *Linguagens Artísticas* – fotografia de natureza; *Saberes Estéticos e Culturais* – artista e sociedade; *Processo de Criação* – poética pessoal; *Forma-Conteúdo* – luz, composição, enquadramento, contraste, além da temática voltada à natureza e *Formação: Processos de Ensinar e Aprender* – educação do olhar e as aulas-viagens.

Neste material, as proposições giram em torno do território de **Conexões Transdisciplinares**, valorizando a ecologia, o meio ambiente, a militância política e as relações entre arte, ciência e tecnologia.

Sobre Araquém Alcântara

(Florianópolis/SC, 1951)

> A fotografia pra mim é um caminho de auto-conhecimento. Ela é uma ponte para que eu esteja em sintonia com o universo. Me proporciona o encontro, às vezes quase místico. É o encontro com a beleza.
>
> Araquém Alcântara

Catarinense de nascimento, o fotógrafo Araquém Alcântara é o que se pode chamar de cidadão do mundo. Trilha por paisagens conhecidas ou lugares inóspitos com a mesma curiosidade do viajante que por ali passa pela primeira vez. Olha por meio das lentes de câmeras fotográficas e descortina imagens que parecem estar ali esperando por seu olhar sensível e treinado nas técnicas de captação de imagens da natureza.

Araquém Alcântara entra no mundo da fotografia pela ressonância do impacto que sentiu após assistir ao filme *A ilha nua,* de Kaneto Shindo. Fica em tal estado de conturbação, num

êxtase que só apazigua quando, no dia posterior, uma amiga lhe empresta uma câmera fotográfica comum e ele sai pelas ruas à procura de uma cena. Surge a cena, a primeira foto: o sexo desnudo de uma mulher que o provoca no meio da rua. Não pára mais. A opção, em outro momento, pela fotografia de natureza, vem quase que de um chamado da mesma. Sua vontade de preservação o leva a denunciar os maus-tratos com a natureza, primeiramente em seu lugar de morada, a cidade de Santos, e depois em diferentes lugares por todo o Brasil.

Engajado na causa da preservação da natureza, é um dos precursores da fotografia ecológica no Brasil, atuando nesse campo já no início dos anos 70. Como outros fotógrafos de natureza, Araquém fica dias embrenhado pacientemente na mata para conseguir uma imagem. Seus livros, num total de quinze até o final do primeiro semestre de 2005, são reveladores de momentos preciosos da nossa gente, da nossa flora, da nossa fauna, da nossa paisagem, apresentando um conteúdo poético do dia-a-dia.

Para o crítico e fotógrafo Rubens Fernandes Jr.:

> Ao se deparar com a essência da beleza natural, Araquém sabe tirar proveito dos momentos de breve duração das luzes que não se repetem. A intensidade da luz disponível distribuída num formalismo conceitual singular faz de Araquém Alcântara um profissional com estilo próprio, único na fotografia contemporânea brasileira.[1]

Suas imagens, assim, abrigam a presença da mãe-natureza não como espetáculo visual em si, mas como transfiguração de formas banhadas por diferentes luzes, cores, texturas que emergem silenciosamente da nossa ainda maravilhosa terra Brasil. Este é, aliás, o nome de um dos seus ensaios que resulta do registro documental dos 36 Parques Nacionais Brasileiros que, segundo a Constituição, são a nossa grande riqueza. É esse olhar, esteticamente diferenciado do fotógrafo, que move o olhar politizado de Araquém a documentar a natureza como patrimônio natural.

De modo semelhante, podemos aproximar esse olhar de Araquém ao olhar de fotógrafos como o americano Ansel Adams, que também tem sua carreira associada à causa política de preservação

da natureza, ou do brasileiro Walter Firmo que, ao longo de mais de 40 anos de fotografia, consolida um acervo fantástico do Brasil, seu povo e seus costumes.

Mas o olhar estético e politizado de Araquém não se fixa apenas nas imagens que clica da natureza. Esse olhar, por querer outros olhos-parceiros, faz do fotógrafo também um educador do olhar, em suas aulas-viagens. Nelas, Araquém convida seus alunos a uma percepção diferente da natureza, principalmente aprendendo a olhar a poesia nela presente. Como mostra o documentário, mais do que em palavras, Araquém ensina os alunos pela câmera, mostrando o enquadramento, a beleza da luz, dos contrastes, o momento que é único em meio a tantos outros momentos e as possibilidades que cada abertura do diafragma, cada lente de zoom, cada tipo de flash permitem.

Alcântara, como fotógrafo viajante, é um "colecionador de mundos" que tem uma atitude filosófica ao mostrar que o mundo da natureza não pode ser esquecido ou abandonado. Nesse trabalho de documentação ambiental contemporânea, Araquém sabiamente compreende que o homem não é o dono e senhor da Terra, pois seu futuro está ligado ao futuro de todas as espécies. Não seria esse o alerta de sua fotografia ecológica?

Os olhos da arte

> ... a fotografia de ecologia, a fotografia de natureza. Cresce a cada dia o número de adeptos, conseqüentemente vai crescer o mercado. Todo fotógrafo de natureza é um conservacionista. Ele luta para a preservação daquele meio que ele fotografa. Então é interessante que hoje em dia estão surgindo fotógrafos que são anjos da guarda de determinados santuários. Eles fotografam aqueles lugares, moram próximo àqueles lugares e atuam nessa comunidade para a defesa desse espaço.
>
> Araquém Alcântara

Andarilho, viajante, pioneiro na documentação ambiental contemporânea. Araquém faz poemas visuais e usa a fotografia na defesa da ecologia e na luta pela preservação das espécies.

Araquém Alcântara - *Pantanal*

Os olhos da câmera do fotógrafo nos dão o foco sobre fotografia e natureza em *Olhos da arte*.

Muitos fotógrafos pioneiros do Brasil preocupam-se com a questão da preservação da natureza, utilizando a vocação natural da fotografia para documentar, exaltar e denunciar. A expansão da consciência ecológica está registrada na história da fotografia que cria um repertório visual de enorme valor documental.

Talvez, os primeiros registros naturalísticos da terra do Brasil sejam aqueles produzidos pelos pintores e desenhistas da comitiva de artistas que, entre 1636 e 1645, período de ocupação dos holandeses no nordeste, permanecem no Brasil contratados pelo então governador Maurício de Nassau. Nessa produção, destacam-se as paisagens que retratam vistas panorâmicas, portos e fortificações de Frans Post, e os tipos etnográficos e exóticos de Albert Eckhout.

Posteriormente, no século 19, artistas estrangeiros da missão artística francesa e os naturalistas visitantes integrantes das expedições científicas, deslumbrados pelo cenário tropical, elaboram paisagens, marinhas e cenas de costume, sobretudo do Rio de Janeiro, documentando com detalhes aspectos pitorescos da vida brasileira.

Os fotógrafos estrangeiros começam a chegar ao Brasil a partir de 1850, estimulados pelo imperador D.Pedro II, para realizarem um grande levantamento paisagístico no Brasil. Destaca-se como o mais importante fotógrafo brasileiro do século 19, Marc Ferrez, carioca de origem francesa. Fotógrafo da Marinha Imperial e da Comissão Geográfica e Geológica do Império, Ferrez se especializa na produção de vistas e paisagens, tanto urbanas, quanto da natureza, tendo percorrido o Brasil a serviço de diversas instituições.

A partir dos anos 70 do século 20, importantes nomes da fotografia brasileira realizam trabalhos de pesquisa, documentação e denúncia, estimulando o debate e a reflexão das questões ecológicas. Desde 1977, o fotógrafo Marcos Santilli fotografa sistematicamente o estado de Rondônia, na região amazônica, com a intenção de documentar as transformações humanas e ambientais. Claudia Andujar é outro exemplo, com suas fotografias sobre os índios Yanomami que a levam à militância política a favor da sobrevivência do grupo. Em 1989, Zé de Boni realiza um trabalho na Chapada Diamantina/BH, enfatizando a contemplação da natureza através das sutilezas tonais e da monumentalidade natural da região.

Todo fotógrafo de natureza tem como um de seus objetivos a preservação do local que ele escolhe como temática. Na realidade, ele é um ecologista por princípio. Ao entrar na mata, pensa e age de forma a não agredir. Por isso, espera pela melhor hora, pela iluminação perfeita, pelo encontro contemplativo daquilo que deseja eternizar.

Para o fotógrafo canadense Gregory Colbert[2], que fotografa momentos de perfeita harmonia entre os animais e os homens em países como a Índia, o Sri Lanka e a Namíbia: "A natureza é um poema, e nós, homens, com nossa arrogância, temos de parar de pensar que somos a parte mais importante dela – somos apenas uma sílaba".

A riqueza da fauna e flora brasileiras, a exuberância de nossas florestas, cantadas até no hino nacional, representam concretamente um fabuloso patrimônio natural ainda em risco pela presença ameaçadora e devastadora do homem. **São as fotografias de Araquém Alcântara e de ou-**

Araquém Alcântara - *Capivara*

tros fotógrafos que nos revelam a diversidade das formas de vida que habitam os *brasis*, para nos lembrar dos laços ecológicos e evolutivos que nos ligam aos demais integrantes da biosfera. Fotograma a fotograma.

O passeio dos olhos do professor

Uma viagem está sendo iniciada! Para se preparar, organizar a bagagem e pensar nos percursos, você é convidado a assistir ao documentário por inteiro. Antes de ajeitar seu assento, é interessante ter em mãos papel e caneta, para fazer anotações durante seu primeiro contato com o DVD. Esses registros constituirão seu diário de bordo, ajudando-o na organização do trabalho pedagógico – sua viagem junto aos alunos. Oferecemos uma pauta do olhar que pode ser útil como elemento revitalizador de memórias:

- O que o documentário desperta em você?
- Como o documentário apresenta as conexões entre a fotografia, o fotógrafo e a natureza?
- Em quais momentos o documentário deixa claro que a fotografia é uma forma de arte? O que fala Araquém Alcântara sobre esse conceito?
- A inserção de imagens estáticas, as próprias fotografias de Araquém, durante o documentário, propõe um trabalho específico para a sala de aula?
- A voz em off do narrador oferece diferentes modos de olhar sobre o documentário?
- O modo didático de Araquém Alcântara como fotógrafo-educador lhe oferece caminhos para abordar a linguagem da fotografia de natureza?
- O documentário lhe faz perguntas? Quais?
- O documentário lhe traz informações novas? Seria necessário um exercício de pesquisa anterior à sua utilização em sala de aula?
- Quais serão as reações de seus alunos frente ao documentário? O que lhes causará atração ou estranhamento?

Essas anotações constituem o primeiro passo em direção à viagem. Todas as decisões sobre roteiro, acompanhantes, períodos de descanso e de retomada poderão ser feitas com base em sua experiência de fruição do documentário. Seus alunos também precisam de uma pauta do olhar? Ela contribui para assistir ao documentário? A organização de perguntas que agucem a atenção aos conceitos existentes pode trazer questões provocadoras de novos olhares aos seus companheiros de viagem.

Percursos com desafios estéticos

O mapa potencial do documentário mostra alguns percursos possíveis. Neste material, o foco está em Conexões Transdisciplinares, e o roteiro que preparamos segue nessa direção. No entanto, você é quem vai conduzir essa viagem, orientando-a da forma mais conveniente aos seus anseios pedagógicos. O convite aos seus alunos para assistir ao documentário é momento de extrema importância, é a motivação para percorrerem um longo caminho juntos. A seguir, apresentamos alguns prováveis caminhos que conduzem a processos de ensinar e aprender arte.

O passeio dos olhos dos alunos

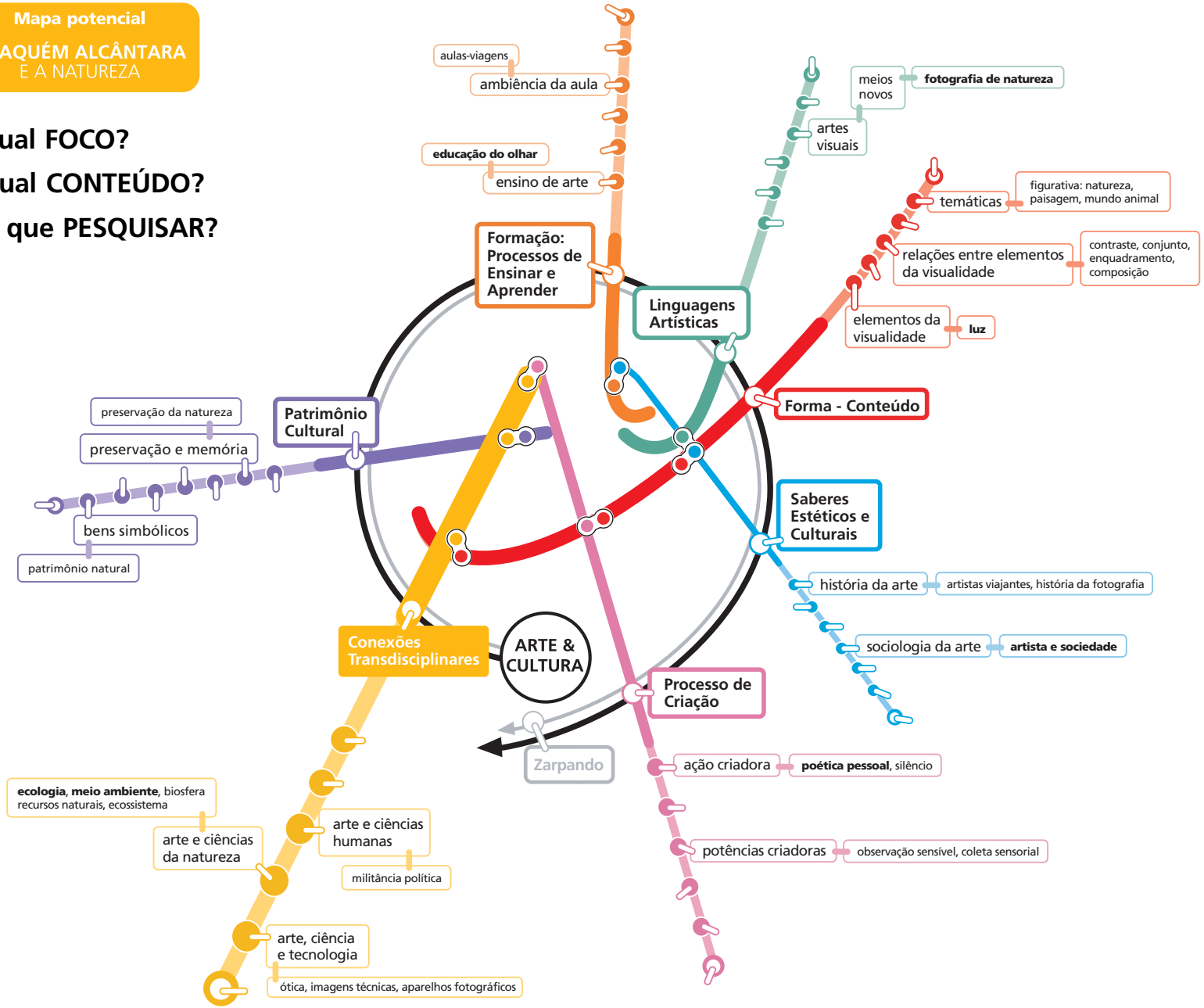
Algumas possibilidades

- Um estímulo visual, tendo as imagens do próprio documentário como base, é o que propomos para o primeiro momento de sua viagem. Pensando nas primeiras imagens, você poderá fazer com que elas sejam mostradas sem o som. As fotografias são o pretexto para alguns questionamentos: o que mostram essas imagens? A qual linguagem elas pertencem? Qual a temática retratada? As fotografias visualizadas foram produzidas por um amador ou um profissional? Por quê? O fotógrafo pode ser considerado um artista? Após uma conversa sobre o que pensam os alunos sobre essas questões, o documentário pode ser exibido na íntegra. Durante sua exibição, os alunos poderão fazer anotações que

Mapa potencial

ARAQUÉM ALCÂNTARA
E A NATUREZA

- **qual FOCO?**
- **qual CONTEÚDO?**
- **o que PESQUISAR?**



auxiliem nas respostas aos questionamentos. Depois, proponha uma conversa e observem as mudanças ou ampliações das primeiras impressões dos alunos.

- Você pode pedir aos alunos que tragam de casa fotos de viagens que eles ou outras pessoas tenham feito. Com as fotos em mãos, a proposta gira em torno da confecção de um painel – ou vários, como preferir – que conte histórias de viagens. Você pode pedir aos alunos que separem as fotos por temáticas: fotos de natureza, de lugares históricos, de casas de parentes, de praias, etc. Algumas perguntas: para onde foram? O que conheceram? O que passaram a olhar de forma diferente? Existe preferência por viajar durante o dia ou à noite? O que eles consideraram ao escolher as fotos para trazer à sala de aula? Após esse momento, convide os alunos para a exibição do documentário por inteiro, com a atenção voltada para os relatos de viagem de Araquém Alcântara.
- Com antecedência, prepare o documentário e mostre precisamente o momento em que Araquém Alcântara fala sobre a beleza presente no horror. A exibição desse pequeno trecho será a senha para um debate, no qual os alunos possam discutir as questões de preservação e devastação do ambiente. É possível concordar com Araquém sobre a beleza de uma queimada? Podemos pensar em outras imagens que fundem beleza e horror? Algumas fotos de catástrofes, realizadas por profissionais e publicadas em jornais e revistas, podem ser consideradas belas? Sobre quais pontos de vista? A técnica é deflagradora de beleza? Após o debate, para saber mais sobre o artista e sua obra, faça a exibição do documentário na íntegra.

Com olhos e escuta receptiva, pronto para observar as atitudes, análises e questionamentos surgidos durante o contato com o documentário, você está atento às possíveis trilhas a serem percorridas no desenvolvimento de um projeto.

Desvelando a poética pessoal

Uma viagem em que os alunos sejam convidados a agir como produtores, realizadores de trabalhos que formem uma série. Um conjunto de imagens que seja resultado de um percurso de criação e pesquisa, no qual interajam a fotografia e a natureza. Essa é a proposta para esse momento. Cada aluno pode criar um ensaio fotográfico, isto é, uma série de fotos que tenha um fio condutor. Levante com eles várias possibilidades de temas, buscando um olhar estrangeiro, que possa olhar o seu entorno de um modo diferente.

Algumas idéias de fios condutores para esses ensaios:

- Cachorros e gatos abandonados;
- Plantas que crescem em qualquer espaço, até no meio do cimento;
- Bancos do jardim da praça;
- Muros;
- Ângulos inusitados da escola;
- Vegetação em diferentes momentos de desenvolvimento: brotando, florescendo, secando, etc.

O ensaio fotográfico pode ser concretizado por fotografias feitas com câmeras digitais ou não, por celulares ou mesmo com a fotografia de lata, se for possível. Mas, mesmo sem contar com esses recursos, os alunos podem fazer seu ensaio com desenhos e textos, ou mesmo com imagens retiradas da internet.

Ampliando o olhar

- Você conhece o espaço que ocupa? Essa pergunta será o início de um exercício de olhar e olhar-se. Com os olhos vendados previamente, os alunos deverão ser convidados a descrever o espaço da sala de aula, sua carteira e cadeira, as paredes e o chão. Como em um jogo, você poderá ir perguntando onde se encontra cada detalhe, desde janelas até inscrições que comumente são encontradas nas paredes e

nas carteiras, ou mesmo detalhes das roupas que estão usando. Após retirar as vendas dos olhos, os alunos poderão fazer desenhos de observação ou fotografias do espaço que ocupam todos os dias.

- Os calendários e os cartões telefônicos são grandes divulgadores de fotografias de natureza. Nos anos 70, era comum que as pessoas colecionassem calendários. No começo do século 21, as coleções de cartões telefônicos passaram a ser as mais comuns. Você poderá perguntar aos alunos se algum deles tem uma coleção de cartões telefônicos e se conhecem alguém que ainda preserve uma coleção de calendários. O encontro dos alunos com essas coleções pode ser o detonador de inúmeros olhares, movendo uma discussão sobre: qual a necessidade de preservar?
- O convite agora será para que um fotógrafo de sua cidade faça uma visita à sua sala de aula. A prévia organização de um roteiro de perguntas será de extrema importância. Você poderá pedir ao fotógrafo que leve algumas fotos de natureza que tenha realizado, para conversar sobre sua intencionalidade de fotógrafo da natureza.
- Os álbuns de fotografia antigos são ótimos acervos de imagens. Em sua maioria, as fotos desses álbuns mostram cenas familiares, pessoas em poses clássicas, cenas de viagens. O pedido será para que os pais e avós de seus alunos tragam para a escola seus álbuns de fotografias e montem uma exposição, com momentos para contar as histórias de tais fotos. De preferência que contem as histórias a partir de fotos nas quais pessoas estejam em contato com a natureza. A partir desse encontro com o passado, seus alunos podem produzir textos baseados nos depoimentos que ouviram.
- As revistas são espaços de publicação e publicização do trabalho de fotógrafos. Na revista Super Interessante, há uma seção chamada Super Zoom na qual vários fotógrafos mostram seu trabalho, principalmente com as

temáticas de natureza e cultura. Levar algumas revistas para a sala de aula e trabalhar a leitura dessas imagens, comparando os diferentes tipos de fotos presentes em cada tipo de publicação é um exercício para ampliar a compreensão das especificidades da linguagem, da profissão e da temática ecológica.

- Frans Post e Albert Eckhout, entre outros, são pintores viajantes que, no século 17, retrataram paisagens, índios, folhas, aves, peixes, rios, cachoeiras. A leitura de suas obras pode levar os alunos à percepção do modo como os artistas-viajantes representavam, em imagens, a natureza brasileira. Seria um olhar contaminado pela cultura européia? São imagens da natureza que traduzem um sentimento exótico? De que modo? O que diferencia essas pinturas das fotografias de Araquém Alcântara?
- Você poderá levar seus alunos a uma praça. O convite é para que eles saiam em duplas observando as plantas e os insetos que por lá habitam. A dupla terá uma câmera em mãos e produzirá uma série de aproximadamente seis imagens para cada aluno, sendo três desenhos de observação e três fotografias com o mesmo motivo que foi desenhado. Ao final, os alunos poderão comparar os resultados obtidos nas duas linguagens, principalmente no que diz respeito à presença da luminosidade.

Conhecendo pela pesquisa

- Marc Ferrez é o fotógrafo mais significativo do século 19, e sempre foi especializado em paisagens e projetos ambientais. Ele acompanhava o crescimento das ferrovias e era muito ligado à área da ciência. Isso em uma época em que a fotografia era um instrumento novo e começava a servir de apoio a outras áreas de conhecimento. Qual Rio de Janeiro os alunos podem descobrir pesquisando as imagens desse fotógrafo? Como essas imagens se diferenciam das do Rio de Janeiro de hoje?

- Tom Jobim e sua esposa Ana enaltecem o Rio de Janeiro e a Mata Atlântica com fotografias e textos que contam histórias de vida:

> O Rio de Janeiro é inspiração. Acho que tudo o que fiz devo muito ao Rio de Janeiro, ao Brasil, sobretudo a este cenário, estas pedras, estas florestas, este mar imenso, esses peixes. A minha música deve muito às árvores, às montanhas, ao mar, à costa, aos pássaros. E naturalmente não podemos esquecer a mulher brasileira que também faz parte da ecologia. É um animal natural como o homem. Tudo isso me deu um grande estímulo pra escrever música, pra sentar de manhã, ver o sol e achar que a vida é bonita, que é um troço que vale a pena ser vivida.[3]

  Várias músicas da MPB valorizam a exuberância da natureza em nosso país. A proposta é uma pesquisa que possibilite a organização de um acervo musical, com músicas que tenham como temática a natureza.

- A fotógrafa Claudia Andujar é suíça, radicada no Brasil desde 1957. Convive com os Yanomami, porque com eles comprometeu sua vida desde os anos 70. Claudia Andujar constituiu um acervo de milhares de imagens, nas quais se fixaram a descoberta de um povo e, com ela, a possibilidade de redescobrimento do mundo. O que mais os alunos podem descobrir sobre o trabalho fotográfico e a ação ativista de Andujar?

- Thiago de Mello[4], escritor que exalta a Amazônia em suas obras, fala da seguinte maneira sobre seu amigo e companheiro de trabalho Luiz Cláudio Marigo:

> Homem de olho mágico e veloz, num instante fugaz ele eterniza: capta a forma e o milagre da flor, o semblante e a alma da criança, a luz e o mistério da água. Gente de muito canto do mundo visitando museus ganha a graça da beleza que vive nas suas fotos. Obras nascidas de uma sensibilidade singular, a deste caboclo nascido no Rio de Janeiro para ser universal, irmão do verde que existe em todas as cores do mundo.

  Os livros de fotografia, em sua maior parte, têm textos escritos por não fotógrafos, por pessoas que transmitem suas informações e conhecimentos por meio de palavras e não de

Valorizando a processualidade

A viagem está terminando e é preciso pensar em todo o percurso: relembrar o documentário, os questionamentos iniciais e compará-los com aquilo que foi aprendido. O que se sabia sobre fotografia de natureza e o que se sabe hoje? O que conheceram sobre a fauna, a flora e as florestas brasileiras? Essas são perguntas que podem nortear esse momento. As informações sobre o fotógrafo também podem ser revisitadas. Para tornar esse momento mais interessante, convide seus alunos a organizarem um júri simulado entre os preservacionistas e os devastadores de florestas. As informações sobre o trabalho do fotógrafo de natureza podem fazer parte da defesa dos preservacionistas e as falas de Araquém podem ser usadas como provas.

Você também precisa pensar em seu percurso pedagógico durante esse projeto. Como ele transcorreu? Quais as inquietações que causou? Quais os momentos mais prazerosos? E os mais difíceis? Suas repostas a essas perguntas poderão ser usadas como pontos de partida para uma outra viagem.

Glossário

Câmera escura – também conhecida como câmera pinhole, trata-se de uma caixa toda fechada com um pequeno orifício em uma das paredes, por onde a luz é captada para dentro da câmera. O resultado são imagens únicas. Quando foi inventada, era grande o suficiente para entrar uma pessoa e servia para os pintores do século 16 fazerem esboços de paisagens. Fonte: <www.studium.iar.unicamp.br/>.

Composição fotográfica – é a arte de escolher, pautada pela seleção do tema, na qual o fotógrafo avalia a contribuição dos diversos componentes da imagem. Fonte: BUSSELLE, Michael. *Tudo sobre fotografia*. São Paulo: Pioneira, 1990.

Diafragma – dispositivo ajustável de lâminas metálicas, que formam uma abertura aproximadamente circular com diâmetro variável, para controlar a intensidade da luz transmitida pela objetiva. Quando se clica o botão para efetuar o registro, o diafragma se abre por alguns instantes, permi

imagens. A proposta é para que você pesquise outras parcerias entre fotógrafos e escritores como a de Thiago e Marigo.

- Quais os conteúdos para uma formação em fotografia? Quais as diferenças entre uma câmera mecânica e uma

Valorizando a processualidade

A viagem está terminando e é preciso pensar em todo o percurso: relembrar o documentário, os questionamentos iniciais e compará-los com aquilo que foi aprendido. O que se sabia sobre fotografia de natureza e o que se sabe hoje? O que conheceram sobre a fauna, a flora e as florestas brasileiras? Essas são perguntas que podem nortear esse momento. As informações sobre o fotógrafo também podem ser revisitadas. Para tornar esse momento mais interessante, convide seus alunos a organizarem um júri simulado entre os preservacionistas e os devastadores de florestas. As informações sobre o trabalho do fotógrafo de natureza podem fazer parte da defesa dos preservacionistas e as falas de Araquém podem ser usadas como provas.

Você também precisa pensar em seu percurso pedagógico durante esse projeto. Como ele transcorreu? Quais as inquietações que causou? Quais os momentos mais prazerosos? E os mais difíceis? Suas repostas a essas perguntas poderão ser usadas como pontos de partida para uma outra viagem.

Glossário

Câmera escura – também conhecida como câmera pinhole, trata-se de uma caixa toda fechada com um pequeno orifício em uma das paredes, por onde a luz é captada para dentro da câmera. O resultado são imagens únicas. Quando foi inventada, era grande o suficiente para entrar uma pessoa e servia para os pintores do século 16 fazerem esboços de paisagens. Fonte: <www.studium.iar.unicamp.br/>.

Composição fotográfica – é a arte de escolher, pautada pela seleção do tema, na qual o fotógrafo avalia a contribuição dos diversos componentes da imagem. Fonte: BUSSELLE, Michael. *Tudo sobre fotografia.* São Paulo: Pioneira, 1990.

Diafragma – dispositivo ajustável de lâminas metálicas, que formam uma abertura aproximadamente circular com diâmetro variável, para controlar a intensidade da luz transmitida pela objetiva. Quando se clica o botão para efetuar o registro, o diafragma se abre por alguns instantes, permi-

tindo a entrada de luz para sensibilizar o filme (ou, em câmeras digitais, o CCD). Fonte: <www.riguardare.com.br/glossario_a.asp>.

Ensaio fotográfico – conceito trazido para o Brasil pelo fotógrafo francês Jean Manzon, em 1944, para a revista *O Cruzeiro*. Trata-se de uma série de fotografias sobre o mesmo tema, lugar ou pessoa. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais <www.itaucultural.org.br>.

Lente de zoom – "As lentes zoom podem abrir-se para aumentar a distância focal ou fechar-se para diminuí-la. O padrão universal é uma zoom de 35-100mm que atua como grande angular, normal ou tele, enquanto uma zoom de 70-200mm funciona sempre como teleobjetiva." Fonte: <www.fotoegrafia.com.br>.

Profundidade de campo – "refere-se ao espaço que está em foco numa imagem fotográfica, na frente e atrás do ponto central da focagem. Se uma foto apresenta apenas uma pequena área em foco, enquanto o resto aparece borrado e desfocado, diz-se que ela tem pouca profundidade de campo. Se toda imagem está em foco, a fotografia tem muita profundidade de campo." Fonte: <www.fotoegrafia.com.br>.

Bibliografia

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia*: um estudo de antropologia visual sobre o cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. *A fotografia moderna no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta:* ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

JOBIM, Tom. *Toda a minha obra é inspirada na Mata Atlântica:* Antônio Carlos Jobim; Fotografias Ana Lontra Jobim. Rio de Janeiro: Jobim Music, 2001.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

MELLO, Thiago de. *Mamirauá*. Fotos de Luiz Cláudio Marigo. Tefé: Sociedade Civil Mamirauá, 2002.

MONFORTE, Luiz Guimarães. *Fotografia pensante*. São Paulo: Senac, 1997.

SECCHIN, Carlos. *Mar do Rio:* fronteira azul da cidade. Rio de Janeiro: Andréa Jakobsson Estúdio, 2002.

Seleção de endereços sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 6 ago. 2005.

ADAMS, Ansel. Disponível em:<www.anseladams.com/>.

ANDUJAR, Claudia. Disponível em: <www2.anhembi.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=37321&sid=69>.

ANIMAIS EM EXTINÇÃO. Disponível em: <www.bibvirt.futuro.usp.br/imagem/araquem/>.

ALCÂNTARA, Araquém Disponível em: <www.araquem.com.br>.

AMAZÔNIA, Fauna, Flora e Paisagens. Disponível em: <www.amazonia.org.br/fotografias/>.

BANCO DE IMAGENS DE NATUREZA DO BRASIL. Disponível em: <www.terrabrasilimagens.com.br/index.asp>.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Disponível em: <www.arvore.com.br/>.

FERREZ, Marc. Disponível em: <www.newmedialab.cuny.edu/marcferrez/perspective/sld011.htm>.

FIRMO, Walter. Disponível em: <www.walterfirmo.com.br/>.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Disponível em: <www.mma.gov.br/ >.

Notas

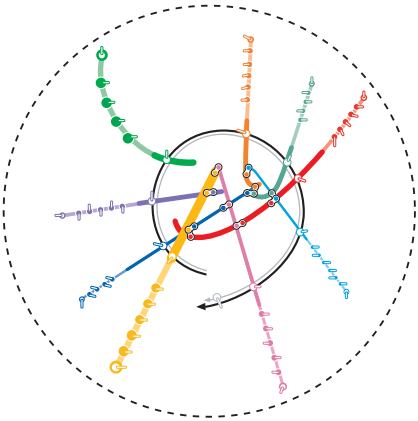
[1] Texto disponível no site oficial do artista, em: www.araquem.com.br

[2] Extraído de Revista Veja, de 6 de abr. de 2005, p. 134.

[3] Tom JOBIM, *Toda a minha obra é inspirada na Mata Atlântica*, p. 18.

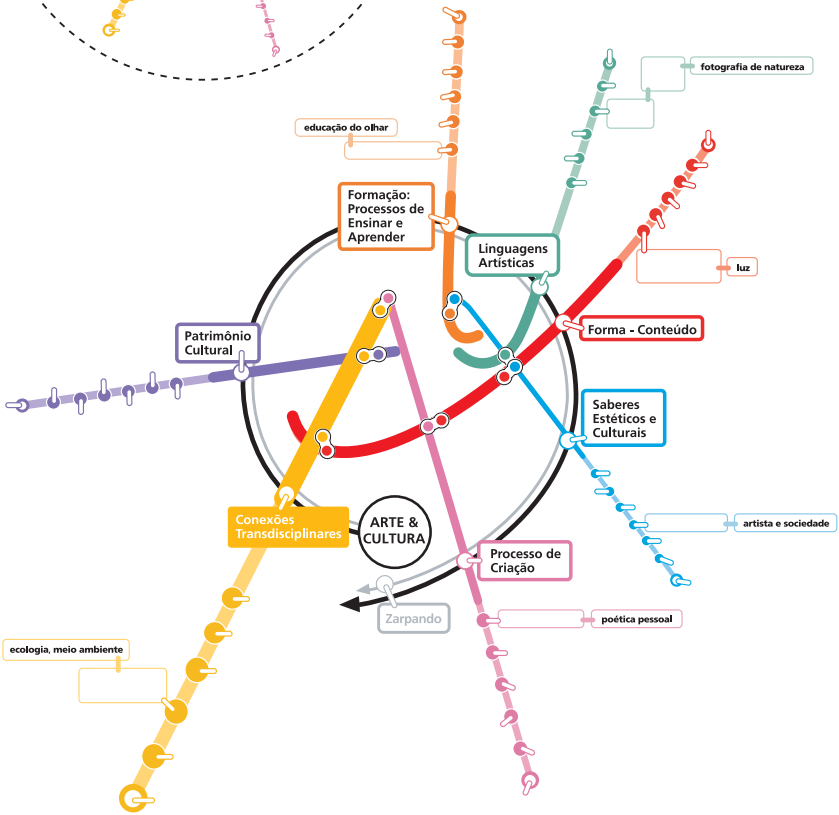
[4] Thiago de MELLO, *Mamirauá* (citação retirada da orelha do livro).

[5] Fonte: <www.sp.senac.br>.



Mapa potencial

ARAQUÉM ALCÂNTARA
E A NATUREZA



Patrocínio

BNDES
O BANCO DO DESENVOLVIMENTO DE TODOS OS BRASILEIROS

FUNDAÇÃO IOCHPE

Organização

arte na escola

www.artenaescola.org.br